

Tropicalizar as estórias do Cthuluceno:

germinar imaginários

ciclo de leituras por
Ana Paula Lourenço

humusidades programa de estudos independentes

Tropicalizar as estórias do Chthuluceno:

germinar imaginários

O próximo ciclo de leituras do programa de estudos independentes em humusidades será facilitado por Ana Paula Lourenço, artista visual e pesquisadora da obra de Donna Haraway. Ao longo de quatro sessões online, entre 23/10 e 13/11, vamos tropicalizar as estórias do Chthuluceno, germinando imaginários Harawayanos neste lado de baixo do Equador: iniciamos o ciclo aprendendo a ver, reconhecer e usar as ferramentas práticas que Donna Haraway nos presenteia em seu último livro “Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno” (2016, 2023): o método FC para simpoiése. Em seguida, tomaremos as pontes que ela já traça desde a década de 1990 em direção ao “Sul Global”, aos mundos tropicais, para trilhar o nosso próprio caminho a partir da arte contemporânea brasileira. Friccionando, por fim, o "saber ir de visita" às obras que o coletivo curatorial da 35ª Bienal de Arte de São Paulo expõe como as Cartografias do Impossível.

O exercício de cartografar as fronteiras, as bordas, para então navegar, ir de visita a outros territórios, estabelecer conversas, falar e escutar, responsabilidade. Donna ensina a fazer mapas para navegar os caminhos complexos da interseccionalidade e da transdisciplinaridade, conectando as práticas e resultados de pesquisa mais recentes nas áreas das ciências biológicas, zoologia, antropologia, etnografia, das tecnologias da informação, filosofia, dentre outras. A simpoiése é singularmente potente ao ser empregada no mapear os projetos e horizontes que nossas práticas “subalternizadas” da América Latina nos munem ética, estética e politicamente para encontrar e percorrer os territórios contemporâneos na complexidade da materialidade de seus atravessamentos.

As linguagens artísticas são particularmente férteis na fase experimental da construção do conhecimento sobre os critérios de tradução, comunicação, transcrição e disseminação de sentido e de informação para dentro do tecido social de maneira transversal. Elas oferecem tanto as ferramentas experimentais, quanto os conhecimentos técnicos consolidados necessários ao cultivo das comunidades do composto, das estórias de regeneração do Chthuluceno a partir dos trópicos.

A prática simpoiética de compor-com, de fazer-em-conjunto os trabalhos de restauração ecológica e estética necessários para mudar a grande narrativa da catástrofe climática inevitável em múltiplas estórias de criaturas e suas cosmopolíticas de regeneração de passados-presentes-futuros sócio-biodiversos e habitáveis.

sessão 1

Ferramentas para Observar e Cartografar

Começamos nos saberes situados de Haraway (1989), a primeira proposição dos dispositivos materiais-semióticos que forjam as figuras de sujeitos e objetos do conhecimento em relação aos espaços que habitam, tanto nas ciências biológicas, quanto na produção cultural das sociedades. Aqui trabalhamos o desvelamento de nossa cegueira sobre os dispositivos ópticos que já nos constituem enquanto sujeitos com direitos em nossa sociedade: São os critérios de delineamento do que conta como subjetividade e do que conta como objetividade que determinam as possibilidades estéticas, éticas e políticas.

Conhecer e tomar em nossas mãos as ferramentas que a teoria Harawayana nos oferece para navegar a complexidade do mundo contemporâneo e promover regeneração nas ruínas do capitalismo em terras de clima tropical. As ferramentas essenciais para a construção do Realismo Agencial que conheceremos na primeira sessão são: os dispositivos de visualização, o método da difração, os dedolhos, os emaranhados material-semióticos, o fazer fatos, a objetividade forte e a intra-ação.

Ao final, vamos tomar as pontes propostas por Donna em direção à América Latina para entender como se dá o jogo material-semiótico em que a literatura amplia e adiciona novos sentidos, novas ideias, novos sentimentos, à norma culta de uma língua através do jogo contra-colonial de Anzaldúa em seu texto Falando em línguas: carta para as mulheres escritoras do terceiro Mundo.

Faremos a viagem de 1990 das feministas estadunidenses em direção ao chamado Terceiro Mundo, mas não retornaremos. Ficaremos e seguiremos as artistas destas terras, agora munidas das ferramentas para mapear saberes situados, do saber usar os dispositivos de visualização e conhecendo o jogo que constrói, destrói ou reafirma as fronteiras, os contornos que definem o que é válido e o que não é na produção de saber.

Leituras e materiais

HARDING, Sandra. Entre estudos pós-coloniais, feminismo e estudos de ciências: uma entrevista com Sandra Harding [Entrevista concedida a] Gustavo Rodrigues Rocha e Luana Fonseca da Silva Rocha. Publicada em Revista Brasileira de História da Ciência, v.14, n.2, p.289-300, jul/dez de 2021. Disponível em: <<https://rbhciencia.emnuvens.com.br/revista/article/view/464>>

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026x2000000100017>

Vídeo: Design Earth – Elephant in the Room – Narrated by Donna Haraway, 2021
Disponível em: <https://youtu.be/i2Xz9fJ85I0?si=dUdNabkMf0LCjSic>

sessão 2

Pontes Como Chaves de Traduções Transnacionais

Nessa sessão veremos as obras e artistas brasileiros atuantes nas décadas de 1980 e 1990 que tem trabalhos em acordo com a proposta de regeneração da simpoiése. A ideia é conhecer as propostas artísticas que já existiam no nosso lado do planeta e que seguem na mesma direção que culminou na década de 2010 com a proposição da simpoiése. Neste trajeto, vamos nos demorar na adequação da construção do self que Lygia Clark propunha

com seus objetos relacionais e o processo de materialização do Realismo Agencial através da intra-ação. Analisando os bichos de Lygia, seus objetos relacionais para uso individual e coletivo, até chegar nas sessões terapêuticas. Seguiremos, ainda, pelas obras de Hélio Oiticica, seu grande amigo: os parangolés, bólides e penetráveis.

Vamos entender a convocação do corpo vibrátil realizada pela arte, noção que Suely Rolnik cunha na década de 1980 para dar conta da produção que lhe era contemporânea. Ela explicita que nossos corpos têm o poder de vibrar com as forças do mundo, possuem a incrível capacidade de ressoar, de compor-junto com aquilo que os atravessa. O exercício desta capacidade não é um modelo a ser seguido, mas o exercício estético de composição de sentido no encontro com a obra de arte. Com o corpo vibrátil, o outro é uma presença viva feita de multiplicidade plástica de forças que pulsam em nossa textura sensível, tornando-se assim parte de nós mesmos. Dissolvem-se, durante o acontecimento, durante uma experiência estética as figuras de sujeito e objeto e com elas aquilo que separa o corpo do mundo.

Leituras e materiais

ROLNIK, Suely. Subjetividade em obra. Lygia Clark artista contemporânea. 2002. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10571/7862>> . Acesso em: 26 de fevereiro de 2018.

ROLNIK, Suely. Afinal, o que há por trás da coisa corporal? 2005. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2018.

ROLNIK, Suely. Breve descrição dos objetos relacionais. 2005 <<https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/descricaorelacionais.pdf>>

Vídeo: O Mundo de Lygia Clark, dirigido por Eduardo Clark, 1973

sessão 3

Transcrições de conversas Multiespécies nos trópicos

Ler as pedras. Conversar e cantar com os ventos. Na terceira sessão, vamos acompanhar obras e artistas brasileiros das últimas duas décadas para conhecer obras de arte que tem seres outros-que-humanos como co-autores. Estes processos artísticos operam na linha de frente como traduções experimentais de contatos multiespécies, entre humanos e paisagens, entre vivos e mortos, entre o orgânico e o sintético.

Na terceira sessão lidaremos com as implicações dos dispositivos e das obras de arte enquanto organismos vivos que o Núcleo de Arte e Novos Organismos (N.a.n.o.) cultivam. Com seres parcialmente digitais e parcialmente vivos, conectando plantas a sistemas eletrônicos em acoplamentos que geram uma interação ativa e responsiva entre aquele que interage com a obra de arte viva, seja pela de modulação sonora, de cores, de movimento, ou uma imersão sinestésica.

Pelo litoral da Mata Atlântica, nossa viagem fará paradas nas práticas de presença desenvolvidas pelos artistas do coletivo Territórios Sensíveis em diversos territórios da Baía de Guanabara, trabalhando em conversa direta com populações locais para propor ações artísticas a partir do território e dos agentes que o habitam. Ainda no litoral, uma parada na Casa Duna, em Atafona, centro cultural, residência e museu que habita o território do encontro do Rio Paraíba do Sul com o Oceano Atlântico, território que vive e floresce em meio às ruínas da erosão de ruas inteiras, com suas casas e vidas tomados pelo avanço do mar.

Para além das conversas com outras espécies de seres vivos, conheceremos as práticas de memória ativa de conexão entre os vivos e os mortos. Aprendendo a rescrever em nossa língua colonial as estórias que a História dos colonizadores tentou apagar. Seja a partir dos próprios documentos da colonização, através da apropriação e intervenção, como o artista Denilson Baniwa opera com suas correções históricas, seja estabelecendo novas rotas de parentescos onde a conexão com os ancestrais foi cortada, como realiza Aline Mota com suas obras Pontes Sobre Abismos e Filha Natural.

Leituras e materiais

RIBEIRO, Walmary. Territórios Sensíveis: uma investigação performativa em arte, ciência, tecnologia e natureza. Disponível em: <https://docs.wixstatic.com/ugd/eca860_98735994fead47f5a-5118c410f3ee8f1.pdf>

NÓBREGA, Carlos Augusto M. Interações, hibridações e simbioses in Revista Arte & Ensaios (UFRJ) vol. 9, p. 98-105, 2004

Obras: <https://www.territoriossensiveis.com/baiadeguanabara>

Aline Mota, Filha Natural: <<https://aline.motta.com/Filha-Natural-Natural-Daughter>>

Pontes sobre Abismos: <https://alinemotta.com/Pontes-sobre-Abismos-Bridges-over-the-Abyss>

Denilson Baniwa: <https://www.behance.net/denilsonbaniwa>

Extra: NINHO, Coletivo. NINHO – Diário de bordo de processos do coletivo de pesquisa [em arte, interatividade e agroecologia]. Brasília, 2018 [Catálogo Online] Disponível em: <https://isuu.com/mauchades/docs/ninho_cata_logo>. Acesso em: 13/11/2018.

sessão 4

Contar as estórias dos trópicos é Cartografar o Impossível

Com sua proposta de Restauro, na 32ª Bienal de São Paulo, em 2016, Jorgge Menna Barreto propõe um restauro estético e ecológico em paralelo, conectando nosso prato de comida com as paisagens geradas para produzir esta comida. Jorgge entende a alimentação como uma obra escultural uma vez que se apresenta materialmente no espaço. A proposta revolucionou o modo como os visitantes, os artistas, os funcionários e a organização da Bienal percebem o espaço do restaurante da mostra, escancarando os muros do Mundo da Arte, característica da arte do cubo branco que ainda persiste para além dos esforços recentes em democratizar o acesso à cultura no Brasil.

Apesar do ineditismo da proposta à época, lemos ela como um protótipo, um dos projetos fronteiriços que realizam um esforço em abrir brechas por onde a vida possa voltar a florescer, dentro do espaço institucional da arte do que se materializa na 35ª edição, em 2023, considerando todas as mudanças a nível mundial que aconteceram neste meio tempo. Hoje, encontramos na ocupação do restaurante realizada pela Ocupação 9 de Julho do Movimentos dos Trabalhadores do Centro e todas as redes que a proposta está ativando no foco da discussão, como agente protagonista do espetáculo da bienal mostra um projeto muito mais robusto e bem-articulado de regeneração da vida que tem na arte uma frente de ação indispensável de reconexão de figuras e fundos, modos de vida e as paisagens que produzem e reproduzem.

A curadoria coletiva da 35ª Bienal de São Paulo, iniciada em 07 de setembro de 2023, já anuncia que as cartografias do Impossível, título da mostra, trazem para o holofote da produção artística da América Latina aqueles artistas que "Vivem em contextos impossíveis, desenvolvem estratégias de contorno, atravessam limites e escapam das impossibilidades do mundo em que vivem" – Diane Lima, Grada Kilomba, Hélio Menezes e Manuel Borja-Villel.

Leituras e materiais

A ser anunciado.

Programa projetado e facilitado por Ana Paula Lourenço

Ana Paula Lourenço é artista visual e pesquisadora transdisciplinar. Em 2018, inspirada na proposição da simpoiése de Donna Haraway, criou o Projeto de Polinização Poética Urbana onde propõe experimentos artísticos na intersecção arte-natureza-técnica através de obras, ações e intervenções artísticas com horizonte da restauração e regeneração estética e ecológica. Desenvolve exercícios de imaginar e projetar planos para a ampliação da biodiversidade das cidades e bem-viver, em melhor sincronia com os outros seres e os espaços que partilhamos, ressignificando o agente humano através da polinização. É bacharel em Pintura (EBA/UFRJ) e mestre em Artes Visuais (PPGAV/UFRJ). Atualmente é professora na graduação em Pintura da Escola de Belas Artes da UFRJ, mestranda em Estética (PPGF/UFRJ), onde pesquisa a simpoiése do método FC (fabulações especulativas) de Harawayana e, ainda, atua como pesquisadora do programa Art & Curatorial Practice no The New Centre for Research and Practice (EUA).

